



## **Incursões das literaturas africanas no ambiente escolar: Adaptação de “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto, para a linguagem cinematográfica**

*Incursions from african literatures at the school environment:  
Adapting Terra Sonâmbula, from Mia Couto, for the cinematographic language*

Josiane Souza Pires Lima<sup>1</sup>

Secretaria Municipal de Educação de Brumado (SEMEC)

Zoraide Portela Silva<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

### **RESUMO**

O ensino das Literaturas Africanas faz parte dos esforços na luta antirracista, trazendo para o centro dos debates em sala de aula as produções de autores africanos, além de oferecer aos estudantes uma literatura não hegemônica. Este artigo tem por objetivo apresentar incursões das literaturas africanas no ambiente escolar, a partir da adaptação de “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto, para a linguagem cinematográfica. “Terra Sonâmbula” mistura a escrita e a oralidade, numa viagem fantástica, trazendo recortes da guerra civil moçambicana e valorizando a cultura da arte de contar histórias. Conhecer e compreender a história e a diversidade cultural africana é uma forma de fortalecer uma corrente que há tempos vem procurando dar conta da necessidade de uma interlocução mais profunda entre o Brasil e o continente africano, em especial com os países de Língua Portuguesa.

**Palavras chaves:** Adaptação; Escola; Literaturas Africanas; Terra Sonâmbula.

### **ABSTRACT**

The teaching of African Literatures is part of the efforts in the anti-racist fight, bringing to the center of the classrooms the production from African authors, while also offering the students a non-hegemonic literature. This article has as an objective to show the incursions made by African literatures in the school environment through the adaptation of “Terra Sonâmbula”, from Mia Couto, for the cinematographic language. “Terra Sonâmbula” mixes writing and orality, in a fantastic trip, bringing clippings from the Mozambican Civil War and valuing the culture behind the art of telling stories. Knowing and comprehending the story and the African cultural diversity is a way to strengthen the current that for a long time have been trying to account for the necessity of a deeper interlocution between Brazil and the African continent, and the Portuguese Language speaking countries specially.

**Keywords:** Adaptation; School; African Literatures; Terra Sonâmbula.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – Uesb. <https://orcid.org/0000-0003-2843-273X>. Email: [jospires1991@hotmail.com](mailto:jospires1991@hotmail.com). Endereço institucional: Creche Municipal Alisson Patrik Saraiva de Jesus. Brisas IV, Brumado, BA.

<sup>2</sup> Doutorado em Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora do Departamento de Ciências Humanas (DCH/VI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). <https://orcid.org/0000-0002-5226-0643>. Email: [zoraideportelas@gmail.com](mailto:zoraideportelas@gmail.com). Endereço institucional: Av. Contorno, Caetité – BA, 46400-000

## Introdução

É sabido que nas instituições escolares ainda persiste uma grande lacuna em relação aos estudos e reflexões sobre uma educação antirracista. As atitudes de discriminação racial e preconceitos aprendidos em família e na sociedade estão presentes no dia a dia escolar e nos livros didáticos, em que são silenciados os acontecimentos históricos, socioeconômicos e culturais das classes subalternas, a saber: negros e negras, índios, mulheres, crianças, LGBTQIA+ etc. Portanto, é preciso que as instituições escolares sejam espaços de luta e de resistência, onde todos que estão ligados à educação participem da construção dos materiais curriculares, para que estes sejam capazes de contribuir para o questionamento da construção da democracia e para a luta antirracista. Como afirma Santomé (2005):

Não podemos cair no equívoco de dedicar um dia do ano à luta contra os preconceitos racistas ou a refletir sobre as formas adotadas pela opressão das mulheres e da infância. Um currículo anti-marginalização é aquele em que todos os dias do ano letivo, em todas as tarefas acadêmicas e em todos os recursos didáticos estão presentes as culturas silenciadas (SANTOMÉ, 2005, p.172).

Segundo o autor, os conteúdos antirracistas não devem estar presentes apenas em matérias específicas e em dias especiais, mas em todos os dias do ano e em todas as disciplinas. Santomé (2005) ainda alerta para a oportunidade dos subalternos e desvalorizados no contexto social participarem como sujeitos da própria história. Tal situação revela que, no contexto de efetividade das Leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.796/2013 e suas respectivas diretrizes curriculares, aponta-se mais um desafio, especificamente no que se refere à Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e, também das populações indígenas brasileiras. Segundo Amâncio (2008), a partir do momento em que a escola se compromete com a temática étnico racial, e trata cientificamente da história do Continente Africano, dos processos ideológicos de construção das categorias de raça e cor, esta será um espaço de interação e respeito às diferenças.

As mudanças provocadas por essa alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.10.639/2003) são várias. As instituições educativas devem oportunizar espaços de discussão, debate e reflexão sobre a sociedade, com análises e questionamentos a respeito da



construção da democracia e para a luta antirracista. Muitas são, portanto, as possibilidades de articulação relativas à implementação da Lei. A fim de contribuir com esse processo, o texto literário, sem se desconsiderar sua dimensão estética, deve ser apresentado a partir do ponto de vista histórico e social, sendo essa a sua contribuição para a compreensão da nacionalidade, das lutas e resistências, conduzindo as práticas pedagógicas no dia a dia dos sujeitos da escola.

A dimensão didática articulada às práticas pedagógicas em sala de aula cria oportunidades de inovação. Além do livro didático, que constitui uma importante ferramenta de trabalho dos professores e alunos, cabe aos profissionais dentro das suas condições, pesquisar materiais para o suporte das suas aulas, como, por exemplo: filmes, jornais, revistas etc. Segundo Amâncio (2008, p.38):

[...] todos os conteúdos dos currículos nacionais, as heranças africanas – fatos históricos, memória coletiva, heróis, hábitos culturais, práticas religiosas e outros – atingirão o grande ícone da educação formal: o livro didático. Este, enfim cumprirá o papel fundamental que há décadas se lhe reserva; tornar-se veículo de interação de múltiplos saberes, presentificando-os, mas sem hierarquizá-los.

Assim, a partir do momento em que o livro didático estiver atravessado por todos esses conteúdos, este será um veículo de interação de vários saberes. Além disso, para a efetivação das questões de ensino propostas por essa legislação, faz-se necessário a formação dos profissionais de educação, no que diz respeito às demandas da luta antirracista envolvendo a história da África, de africanos e afro-brasileiros. No que tange ao domínio das literaturas no cumprimento das referidas leis, Dalcastagné, acentua que:

A literatura pode oferecer um acesso a diferentes perspectivas sociais mais rico e expressivo que, por exemplo, aquele proporcionado pelo discurso político em sentido estrito. Por isso mesmo, é um território em disputa, onde está em jogo a possibilidade de dizer de si e sobre o mundo, de fazer visível dentro dele. Ignorar essas reivindicações em torno do literário costuma ser uma maneira de reafirmá-lo como um atributo sobrenatural e trans-histórico, fruto de um “talento” que se fixa em alguns indivíduos especiais, em vez de ser uma prática social, que tem a ver com a produção de hierarquias que beneficiam alguns e excluem outros (DALCASTAGNÉ, 2014, p.68).

A partir dessa perspectiva, levar diferentes vivências africanas através da literatura é assumir a diversidade de um continente múltiplo em culturas e organizações sociais. Nesse

processo, as aulas de Literaturas Africanas devem ocupar espaço escolar e trazer para o centro das discussões as produções dos escritores, pois, a partir da leitura e discussão das obras, pode-se ter um debate sobre como as imagens do território africano reverberam nas escolas, permitindo que se explorem os espaços reais ou imaginários, a diversidade linguística que caracterizam o estilo do autor estudado. Para além disso, o estabelecimento de um diálogo entre as Literaturas Africanas e a Literatura Afro Brasileira, inovam por trazer uma temática que por muito tempo tem sido marginalizada nas práticas escolares.

De fato, os estudos das Literaturas Africanas permitirão que os educandos conheçam a cosmovisão africana e, também, a riqueza cultural que tanto influenciou a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, os estudos africanos abrem espaço para um novo olhar à educação, pensando na diversidade cultural, histórica e da convergência linguística que constitui a nossa sociedade brasileira.

### 1. O lugar da literatura de Mia Couto

Os textos moçambicanos problematizam a história e a memória, reconstituindo uma memória do passado. Mia Couto usa estratégias no desafio de escrever sobre os acontecimentos de sua terra. “Não se trata de abordar o documental como ficção, mas da necessidade de estratégias desenvolvidas no campo da literatura para reinventar o passado” (LEITE, 2012, p. 253). Algumas vezes, a história não permite um enfoque das vivências esquecidas e das narrativas que estão à margem. Então, a literatura, como discurso da nação, pode ser campo de invenção de diversas formas de narratividade, repondo acontecimentos do desconhecido e do esquecimento.

O ano de 1984, deu a conhecer ao público leitor a diversidade e a qualidade da obra de uma nova geração de artistas, da qual se destaca o nome de Mia Couto. Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido por Mia Couto, filho de uma família de emigrantes portugueses, nasceu em 5 de julho de 1955 na cidade da Beira em Moçambique. É um autor que escreve sobre a natureza humana e sua relação com a terra. Possui uma linguagem extremamente plena de metáforas e neologismos. É um magnífico contador de histórias. Atualmente é o





autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Suas obras são traduzidas e publicadas em 24 países e várias das suas obras têm sido adaptadas ao teatro e cinema. Tem recebido vários prêmios nacionais e internacionais, por vários dos seus livros e pelo conjunto da sua obra literária. Seu romance “Terra Sonâmbula” foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX.<sup>3</sup>

A estreia de Mia Couto ocorreu em 1983, com uma coletânea de poemas intitulada *Raiz de Orvalho*, chamada de poesia de combate. Em seguida com o livro de contos *Vozes Anoitecidas*, em 1986, o livro provocou uma polêmica pela sua dimensão estética e linguagem inovadora. No fundo, o que estava em causa era, por um lado, a tematização do imaginário da cultura africana e, por outro, a linguagem utilizada por Mia Couto, símbolo da tradição oral, que se particulariza pela criação e exploração das potencialidades de neologismos, a irreverência do domínio linguístico, criatividade e inventividade da linguagem, típico de escritores de países pós-coloniais.

A língua é o primeiro elemento a ser trabalhado no universo ficcional de Mia Couto, uma vez que se constrói de modo criativo e híbrido. Mia Couto admite que o seu percurso foi marcado pela escrita de escritores como o angolano Luandino Vieira e o brasileiro Guimarães Rosa, mais concretamente com Rosa, no que consiste a um mergulho na oralidade.

Mia Couto surge como um renovador da literatura moçambicana. Desde antes das independências essa renovação da literatura já era partilhada por alguns escritores, mas é na década de oitenta que ela vai se tornar mais intensa: “Mas é, de facto, nesta década fulcral de 80 que o processo literário de Moçambique, de maneira decisiva, se desenvolve, alarga e estabiliza como sistema literário institucionalizado e reconhecido, tanto interna como internacionalmente” (LARANJEIRA, 2001, p.195).

O escritor utiliza de forma criteriosa e imaginativa os recursos linguísticos, apresentando marcas do português oral de Moçambique. A leitura da ficção coutiana pode ser entendida, do ponto de vista cultural, como o reconhecimento das marcas da moçambicanidade. Mia Couto se destaca na inventabilidade de sua escrita, num cruzamento do português culto com os registros linguísticos utilizados pela população comum, num processo de renovação do português. A escrita de Mia Couto é caracterizada por uma

<sup>3</sup> MIA COUTO. Biografia, bibliografia, informações. Disponível em: <https://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/> Acesso em: 20 mai. 2020.

criatividade linguística, representando em sua ficção a cultura do povo moçambicano e a incorporação da linguagem cotidiana. Nos seus textos há uma problematização cultural das minorias do país:

Em qualquer um dos livros do autor moçambicano se problematizam e configuram os enquadramentos e ajustamentos culturais das minorias do país, os indianos, os mestiços, os brancos, ou, ainda, os camponeses, os velhos, os que vivem “muito oralmente”, esses que representam o outro tempo, os sem tempo e fora dele e, talvez, por isso, sem espaço maior do que uma ilha (LEITE, 2012, p.188).

Em seus romances e contos, encontra-se uma crítica aos poderes, à corrupção, ao desrespeito pelos valores éticos e morais, a devastação da guerra e a denúncia das condições do subalterno. O escritor Mia Couto, ao abordar a dolorosa realidade moçambicana, através de uma língua reinventada, ou seja, através da transgressão gramatical, consegue conservar a simplicidade dos diálogos das suas personagens por meio da reinvenção da dimensão literária da oralidade. A esse respeito, afirma Rita Chaves:

A ligação com margem e os espaços de fronteira também pautam a escrita de Mia Couto, todavia seu projeto parece norteado por uma proposta que recusa-se a privilegiar qualquer região ou setor. A sensação é de que essencial é abraçar todo o país, participando dessa aventura de transferir para o imaginário a invenção de Moçambique que seus conterrâneos vão implementando. A urgência da noção de totalidade talvez possa ser entendida como uma estratégia para enfrentar a fragmentação vista como força ameaçadora. O país é novo e traz na sua memória muito acesas as marcas das tantas divisões que a experiência colonial alimentou e a dureza dos conflitos que sucederam à independência fez fomentar (CHAVES, 2013, p.141).

Em seu projeto literário, Mia Couto recorre ao passado para reinventá-lo com um olhar crítico e construir um presente mais justo para os moçambicanos. A história da literatura moçambicana está interligada com a da independência do país, conforme bem aponta Chaves, dando sentido à construção de uma produção que evidencia as perplexidades da guerra moçambicana. Nas narrativas do escritor aparecem a temática inerente dos problemas de seus povos, as aspirações em relação ao futuro e a relação entre os fatos históricos e o fictício. Em “Terra Sonâmbula”, Mia Couto ficciona tristeza e sofrimento, apresenta a história da guerra, e ainda apresenta vários elementos significativos na cultura moçambicana, explorando o território de seu país e a forte presença da oralidade. Segundo Fritzen (2013, p. 28), o



escritor “traz para suas obras toda a barbárie de um longo período de guerras e suas consequências. No entanto, a magnitude da sua obra está no entrelaçamento dos fatos históricos com um mundo fantástico que busca ser decifrado em cada página de seus livros”. A literatura apresenta um mundo de sonhos contra o peso da história.

“Terra Sonâmbula” aborda o estado caótico das personagens e o seu esvaziamento tanto físico quanto psicológico. Duas personagens, o menino Muidinga e o velho Tuahir, fugitivos da guerra, são viajantes da terra sonâmbula. No meio do caminho encontram uma mala com um diário. Desse diário, vão surgir fantásticas aventuras remontando ao período de guerra. Os fragmentos que remontam à guerra estão presentes nos dois momentos da narrativa: no caminho entre o velho e o menino e nas lembranças dos cadernos de Kindzu. Apesar de todo sofrimento e das passagens da guerra, o romance é entrelaçado pelo sonho e a esperança daqueles viajantes encontrarem um caminho e um refúgio. É a partir da leitura dos cadernos que conhecemos uma terra castigada e sofrida, a destruição da família de Kindzu, sua paixão por Farida, a viagem em busca de uma vida melhor. Conhecemos também muitos saberes, ritos e crenças que são contados pelas personagens.

## 2. “Terra Sonâmbula”: Da palavra falada e escrita às mídias visuais

O livro “Terra Sonâmbula”, do escritor moçambicano Mia Couto (1992) e a adaptação cinematográfica do livro, com roteiro e direção de Teresa Prata (2007), possuem o mesmo enredo e retratam a riqueza presente nas práticas culturais moçambicanas, bem como o sofrimento que o país passou decorrente da guerra. O livro “Terra Sonâmbula” foi lançado em 1992, no mesmo ano em que terminou a guerra civil moçambicana, tendo sido escrito por Mia Couto no momento em que o país atravessava a guerra civil. Esta narrativa conta basicamente duas histórias: o caminho percorrido pelo menino Muidinga e pelo velho Tuahir, que são sobreviventes do campo de batalha da guerra de Moçambique; e o período da guerra narrado pelos cadernos de Kindzu.

Em várias partes da narrativa, encontram-se passagens que retratam os momentos da guerra e a devastação que ela deixou: “Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de corpos carbonizados” (COUTO, 2007, p.11). A devastação da guerra é

apresentada na narrativa, tanto do espaço físico, como dos sonhos e de esperança daquele povo:

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios. No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos (COUTO, 2007, p.15-16).

O menino Muidinga sempre questionava sobre seus pais, sua origem, mas o velho Tuahir sempre insistia em não revelar ao menino sua origem, ao tempo que ele fala que os pais também não o queriam nem vivo diante do momento de guerra que estavam vivendo. “Terra Sonâmbula” está enredado em torno da “palavra”, que se relaciona com elementos essenciais da natureza. A “palavra” também se encontra encadeada, ao representar o ler, o escrever, a leitura em voz alta, a contação das histórias. Logo no início da narrativa, Mia Couto nos apresenta o espaço em que se desenrola o romance e seus personagens. A estrada morta e os dois personagens principais: o menino Muidinga e o velho Tuahir.

Percebemos a linguagem metafórica de Mia Couto, em relação à paisagem apresentada. “Naquele lugar a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca” (COUTO, 2007, p.09). Quando o narrador relata sobre as cores da paisagem não se remete ao olhar, mas à boca, num processo que leva o leitor a provar a paisagem. Ela é tão triste e suja que o leitor não consegue visualizá-la. É preciso que o leitor tenha uma memória sensorial sobre as palavras para compreender a escrita de Mia Couto.

Os personagens, o menino Muidinga e o velho Tuahir, também são apresentados como elementos da paisagem, sujos e empoeirados como o caminho, desajeitados, magros e “bambolentos”:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos, como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa terra





que contaminara toda sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga (COUTO, 2007, p.10).

Após a apresentação dos personagens, o velho e o menino encontram um machimbombo<sup>4</sup> incendiado, com vários corpos carbonizados e, próximo ao machimbombo, um cadáver com uma mala. Nesse momento, aparece outro personagem significativo para a narrativa, Kindzu, que terá a força da palavra ecoada pelas narrativas de seus cadernos. Inicia-se a leitura em voz alta dos cadernos, um texto dentro do texto. O texto se abre em várias leituras, vários pontos de costura. É preciso que o leitor esteja atento à força das palavras, compreender o sentido literal e o sentido conotativo apresentado por Mia Couto nesta instigante viagem protagonizada por Muidinga e Tuahir, desvendando os mistérios vividos por Kindzu, no momento da guerra.

No desenrolar da narrativa, Mia Couto nos apresenta imagens para simbolizar o momento da guerra e a devastação deixada pela mesma. Ele utiliza o personagem Kindzu para narrar a morte de uma baleia, agonizando na praia e faz uma comparação ao seu país, agonizando com a guerra:

A baleia moribundava, esgoniada. O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilos. Ainda não morrera e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vem agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentando o mais para si. Como se aquele fosse o último animal, a derradeira oportunidade de ganhar uma porção (COUTO, 2007, p.23).

No trecho acima, percebemos que a baleia pode simbolizar tanto um animal para matar a fome dos habitantes daquele país, que mal esperam o bicho morrer, mas já estão agonizados e famintos, por conta dos sofrimentos e misérias que perpassam no período da guerra, ou a baleia representa o próprio país agonizando, diante dos sofrimentos e dificuldades enfrentados pelo devastamento deixado pela guerra.

A adaptação fílmica apresenta-se fiel ao texto original. As cenas do filme também apresentam Muidinga, Tuahir e Kindzu como personagens principais. O espaço do filme apresenta um cenário triste, solitário, o machimbombo queimado, chegam o velho Tuahir e o

---

<sup>4</sup> Trata-se de um meio de transporte público, ônibus.

menino Muidinga, as feições dos personagens representam cansaço e tristeza. Estão sujos, mal vestidos. Encontram uma mala ao lado de um morto. Na mala estão os cadernos de Kindzu, que vão fazer parte dessa narrativa, entristecer e alegrar os personagens durante a “viagem”. A criança sorri no momento da leitura dos cadernos. Esse ato representa a sabedoria, o mergulho na narrativa, a vivência de momentos e espaços diferentes, a satisfação do menino Muidinga de estar lendo para o velho Tuahir, cena que se passa em volta da fogueira. É possível observar um sorriso no rosto das personagens, imaginando as “aventuras” de Kindzu. Nesse momento, as cenas do filme levam o espectador a outro momento, vivenciado por Kindzu antes de ser morto.

As cenas do filme vão alternando entre as cenas entre Muidinga e Tuahir e a trajetória de Kindzu. O menino Muidinga se entristece ao ler a cena em que Kindzu encontra os corpos de seus familiares. Aparecem várias cenas de Kindzu e Farida, e o velho Siqueleto.

Além do cenário triste, a terra saqueada, as roupas sujas, maltrapilhas e rasgadas dos personagens e os semblantes mostrando tristeza, há o mar que aparece durante as cenas, um cenário marcante, por onde Kindzu viaja em busca de seus sonhos e o caminho onde Muidinga e Tuahir estão à procura. “O mar é o espaço que sobra aos viventes, porque em terra todos estão mortos, a própria terra agoniza e caminha ‘sonhambulante’ em demanda de si própria. O país perdeu o rumo. Resta-lhe o mar” (LEITE, 2012, p.73). O mar é visto pelos personagens como um espaço de renascimento.

No desenrolar das cenas Tuahir conta como encontrou Muidinga, que o achou quase morto, durante o período da guerra. Resolveu pegá-lo e cuidar dele. Segue-se a leitura dos cadernos. Kindzu sai em um barco e encontra um navio encalhado. No navio estava Farida, outra sobrevivente da guerra. Surgem as cenas entre Farida e Kindzu. Farida fala de seu filho Gaspar, a saudade, o desejo de reencontrá-lo. Por não ter condições de criá-lo entregou-o à missão. Doze anos que Farida procura seu filho. Quando resolveu procurá-lo na missão, descobriu que ele havia fugido. Kindzu sai à procura de Gaspar (o filho de Farida). Encontra a tia Virginia e procura saber informações de Gaspar, mas sem sucesso, pois a tia Virginia só sabia que ele havia fugido.



Outra questão importante a ser analisada é sobre a relação entre mãe e filho e observar como a oralidade é abordada durante a narrativa. Um item que não deve ser esquecido na “leitura” do texto cinematográfico é a representação da oralidade e da voz. Segundo Zumthor (2005, p.61), na vivência da sociedade humana, “a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inumeráveis formas de arte”. Foi por meio da voz de Kindzu implicada nos cadernos, ecoada pela voz do menino Muidinga, que eles, o velho e o menino, sobreviveram a tantas adversidades. Para Zumthor (2014, p.83), “a voz é uma forma arquetípica, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos, que não estamos mais sozinhos no mundo”.

No romance, sempre à noite, os personagens estão em volta da fogueira, lendo, ouvindo e se encantando com a história de Kindzu. Encantados pela história dos cadernos, os personagens imergem na narrativa e brincam de ser pai e filho. Muidinga pede para Tuahir lhe contar uma história. A caminhada, um horizonte à frente, um caminho sem fim. Andam em círculo, chegam novamente ao machimbombo. Muidinga cava um buraco, jorra muita água, forma um rio. Muidinga e Tuahir continuam a viagem, segue a leitura dos cadernos. Kindzu está à procura de Gaspar. O velho Tuahir morre no momento em que Muidinga lê o último caderno. A história continua o ciclo.

Um ponto bastante significativo em “Terra Sonâmbula” é o desejo de conhecer o passado e valorizar a cultura e as tradições. Muidinga está sempre à procura de seu passado. A tradição é vista como algo indispensável para a harmonia entre o indivíduo e o ambiente em que vive. O indivíduo precisa conhecer o seu passado para construir o seu futuro. O menino Muidinga representa o novo, porém aliado ao velho. Muidinga representa a esperança, a inteligência, o conhecimento da sociedade moderna e globalizada ao lado de Tuahir que representa a sabedoria e a continuidade da tradição ou a metalinguística articulação entre a escrita e oralidade, tão presente nas narrativas dos escritores africanos. Mia Couto, proferiu as seguintes palavras, em 2002, quando lhe foi atribuído o Prêmio Internacional dos 12 Melhores romances de África por “Terra Sonâmbula”: “o compromisso maior do escritor é com a

verdade e a liberdade. Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente” (COUTO, 2002, p.59).

Se a obra literária “Terra Sonâmbula” se tornou uma grande forma de expressão do escritor Mia Couto, a adaptação fílmica constitui um material didático-pedagógico para discutir as Relações Étnico-Raciais, voltada sobretudo para o respeito de uma cultura que tanto contribuiu para a formação da identidade da nação. Diante disso, encontra-se em “Terra Sonâmbula”, tanto a obra literária quanto a adaptação fílmica, um material importante, pois na voz de Kindzu em seus cadernos, encontramos as memórias e sofrimentos de guerra e ao mesmo tempo a riqueza cultural africana, enfatizando a questão da narração de histórias e da valorização dos aspectos da natureza. A partir da leitura de obras literárias africanas e sua posterior discussão em sala de aula, é possível iniciar um debate sobre o racismo e os preconceitos que assolam nossa sociedade. “Terra Sonâmbula”, tanto a obra quanto a adaptação fílmica apresentam os mesmos personagens principais e o mesmo enredo, sendo ricos suportes para problematizar o estudo de história da África.

### 3. “Terra Sonâmbula” em sala de aula: uma proposta de adaptação e interdisciplinaridade

Na realidade pedagógica atual, é de conhecimento de todos os desafios do professor em sala de aula, para que sua prática seja satisfatória e prazerosa, que leve ao conhecimento e desenvolva a criatividade e as habilidades dos alunos. Diante das muitas tecnologias na sociedade contemporânea, manter os alunos atentos e envolvidos, no que diz respeito à importância da leitura e da escrita, é um desafio constante. Nesse sentido, o professor deverá usar das tecnologias para tornar suas aulas mais dinâmicas. Assim sendo, as adaptações cinematográficas das obras literárias são importantes aliados do(a) professor(a). É importante ressaltar que as adaptações não devem ser utilizadas apenas como material didático, mas torna-se necessário perceber seu valor enquanto arte.

Literatura e cinema são artes diferentes, porém comungam aspectos em comum. Ambas as artes dialogam com as dimensões de tempo e espaço. Lopes (2013) aponta algumas semelhanças e diferenças entre a literatura e o cinema. Em relação às semelhanças, aponta





duas especificamente: a estrutura narrativa e a impressão da realidade. Quanto às diferenças destacamos:

A questão da verbalidade da literatura, em confronto com a iconicidade do cinema, e a relação entre o tempo e o espaço, que no romance ocorre de maneira bastante diferente do filme, já que, em relação ao tempo, o primeiro relata aquilo que já aconteceu, enquanto o último narra o que está acontecendo; em relação ao espaço, o filme se vale muito mais das locações do que o romance, e elas influenciam no comportamento dos personagens e no desenrolar dos eventos (LOPES, 2013, p.04).

“Terra Sonâmbula”, como vimos, foi adaptada para o cinema, em 2007, com roteiro e direção de Teresa Prata, em Moçambique. Tanto a obra literária quanto a adaptação fílmica levam o mesmo nome e são recursos pedagógicos cheios de elementos que contribuem com o ensino de história da África. Na relação entre o texto escrito e o cinematográfico devem ser considerados o espaço e a linguagem utilizada. O filme trabalha com sons e imagens, a palavra aparece nos diálogos partindo de uma influência externa, que será observada através da expressão corporal, de gestos e olhares. Na obra literária os sentimentos e emoções são transmitidos ao leitor através da linguagem minuciosa do narrador. “O cinema também influencia a literatura, do mesmo modo que o romance do século XIX influenciou o modo de narrar do cinema” (SILVA, 2012, p.02). O cinema é uma arte que se aproxima da literatura por meio da narratividade, e a adaptação é um processo criativo:

O termo adaptação também se refere ao processo criativo, não apenas ao produto final. Como processo criativo, a adaptação envolve interpretação, criação, reinterpretação e recriação. A adaptação mantém uma relação de intertextualidade com a obra-fonte, é uma repetição com variação e, mesmo assim, pode ser vista como uma obra totalmente original (SILVA, 2012, p.196).

Uma adaptação sempre terá novos elementos e de alguma forma ganhará ou perderá elementos significativos. A adaptação de uma obra literária será interpretada de diferentes formas por seus espectadores e o filme não pode ser considerado como a cópia de um livro e vice-versa. A obra cinematográfica deve ser considerada uma obra por si só, uma vez que se configura como uma tradução crítica e criativa da obra literária.

É importante o trabalho de adaptações cinematográficas em sala de aula, não apenas como uma complementação da leitura ou para conhecer o enredo da obra, mas é imprescindível trabalhar os aspectos da linguagem cinematográfica. Em Terra Sonambula, é

importante trabalhar essa questão entre as duas linguagens. Como a adaptação cinematográfica conseguiu transpor as metáforas que Mia Couto utiliza em sua obra? É importante observarmos a relação entre Muidinga e Tuahir, os olhares e movimentos. A comparação entre as duas linguagens será um trabalho bastante proveitoso, uma vez que os alunos deverão ter um olhar mais crítico ao assistir ao filme, pois terão que observar com bastante atenção os detalhes e gestos de cada personagem, até mesmo como a natureza é apresentada no filme. Portanto, uma atividade proveitosa seria a leitura da obra seguida de discussão a ser mediada por um roteiro para assistir ao filme, procurando observar as imagens presentes.

A leitura ficcional desenvolve no leitor a capacidade de imaginar e contribui para sua autonomia e formação crítica, enquanto ser social. Essa reflexão e a análise literária, dentre elas, as literaturas africanas, pode ser feita de forma interdisciplinar, com a história, a geografia, constituindo-se em uma ferramenta de prazer e aprendizagem. Em literatura e artes pode se trabalhar a riqueza literária e artística, tanto do texto escrito quanto da linguagem cinematográfica. Em língua portuguesa, pode-se trabalhar a questão da língua e suas variações, as diferenças do português de Portugal e o português de Moçambique, uma pesquisa das palavras moçambicanas desconhecidas do nosso português brasileiro. Em história pode se trabalhar o contexto histórico em que foi produzido a narrativa, bem como o estudo das guerras anti-coloniais/lutas de libertação; em geografia, analisar os aspectos da natureza que são apresentados na obra; em sociologia e filosofia, estudar o comportamento humano, a mente, como os personagens sobreviveram naquela viagem em uma terra esquecida e sonâmbula.

Nas cenas do filme, enquanto Muidinga vai lendo o caderno, aparece a história dos personagens. Uma cena bem marcante é quando a mãe de Kindzu coloca Junhito no galinheiro. Todos brigando, o choro da criança são imagens marcantes que podem ser discutidas e levantar questionamentos entre os alunos. Por que a mãe fez isso com Junhito? Era uma forma de proteção, de amor? Pode-se levantar discussões sobre como uma mãe age para cuidar e salvar seus filhos.



Nas cenas entre Muidinga e Tuahir é importante perceber a relação entre os dois. São dois personagens “frágeis” (um velho e um menino), mas cada um possui uma “fortaleza” imensa, sobreviveram aos aspectos físicos e às dores psicológicos do abandono e da tristeza causados pela guerra. Sobreviveram em uma terra que não dormia, continuaram lutando e resistindo contra as adversidades humanas. É importante atentarmos a relação de afeto entre os dois. No começo da narrativa, o velho Tuahir não queria nem ser chamado de tio pelo menino, era uma relação mais fechada, porém no desenrolar da “viagem”, o carinho e o afeto entre os dois aumentaram. É interessante abordar a relação entre crianças e velhos, o respeito entre ambos. Muidinga nem sempre aceitava tudo o que Tuahir dizia, mas sempre o respeitava e acatava suas “ordens”.

Ao trabalhar “Terra Sonâmbula” em sala de aula, um primeiro ponto a ser estudado é sobre Moçambique. Levar os alunos a fazerem pesquisas para conhecerem esse país, e as sequelas que o período de guerras nele deixou. Assim como o Brasil, também Moçambique foi colonizado por Portugal, mas obteve sua independência somente em 1975, e logo após entrou em uma guerra civil, que finalizou apenas em 1992. É possível fazer reflexões sobre como os países se reconstruíram pós-independência.

Após assistir ao filme, vários questionamentos podem ser abordados e levar os alunos a refletir. Pode ser feito um questionário, que leve à produção final de um texto crítico sobre a realidade de pessoas que perdem seus familiares, seja em uma guerra civil, seja em guerras invisíveis que acontecem no dia-a-dia de cada cidadão. Quem são os personagens da Terra Sonâmbula presentes no bairro de cada aluno, quantos “Muidingas” estão à procura de uma identidade. São várias as possibilidades de trabalho em sala de aula, partindo da visualização do filme ou da leitura da obra, com reflexões a partir de questionamentos elencados pelo professor.

Ainda no filme, os alunos podem observar aspectos culturais que são representados, como a leitura sempre em volta da fogueira, a passagem do velho Siqueleto, as histórias que Farida conta a Kindzu, a mescla da oralidade e da escrita, bem como a linguagem das personagens, com algumas falas populares. São muitos temas que são tratados em Terra Sonambula, como em outras obras moçambicanas e angolanas, como “os lugares da tradição, o papel dos mais velhos na sociedade atual, a sobrevivência dos mitos e das oralidades, a ideia

de ‘nação’ enquanto cadinho de diferentes estratos culturais” (LEITE, 2012, p.64), que podem ser abordados pelo professor em sala de aula.

É relevante o professor abordar a questão do antigo e do moderno. Mia Couto, em Terra Sonâmbula, mescla tradição e modernidade, a exemplo do menino Muidinga lendo os cadernos para o velho Tuahir. O ato de contar passa pela leitura, como nos aponta Leite (2012, p.72):

O que acontece é que, agora os papéis invertem-se, o mais novo lê e o mais velho ouve, mas as letras, tal como as palavras, também abrem caminho para o sonho. O narrador propõe uma nova adequação dos tempos antigos aos atuais, a leitura como uma forma de reposição da fala, da encenação dramatizada oral.

Enfim, são inúmeros temas que podem ser problematizados pelo professor em sala de aula a partir de “Terra Sonâmbula”: o cotidiano de vida, a miséria, a fome, a corrupção, as crenças religiosas, as relações entre homem e mulher, entre os mais velhos e mais novos, sobretudo a guerra como tema central:

Um dos grandes temas é, sem dúvida, a guerra civil, a miséria e a fome provocadas pelos muitos anos de sofrimento, e a despersonalização das personagens, a destruição dos laços clânicos pela necessidade de fugirem e se refugiarem em outras zonas. Em simultâneo o avivar das crenças e dos valores animistas, como último recurso para a esperança (LEITE, 2012, p. 214).

Ao trabalhar os conteúdos africanos, trazendo a riqueza cultural daquele povo, sua geografia e história, valores socioculturais da oralidade e da escrita, esse novo olhar sobre a África permite refletir e repensar sobre a visão estereotipada desse rico e vasto continente. No que se refere às produções literárias do período das lutas pela independência, percebem-se algumas singularidades e percepções nos países africanos de língua portuguesa.

Segundo Amâncio (2008), as literaturas africanas e a literatura afro-brasileira possuem aspectos estéticos discursivos em comum: afirmação da identidade; o universo das tradições orais; exclusão racial nos contextos urbanos; tensões étnico raciais; luta antirracista; estratégias políticas e mobilizações sociais. Portanto, a recepção das múltiplas obras literárias africanas e afro-brasileiras nos levam à percepção da riqueza linguístico-cultural e a compreensão da existência de um cânone literário riquíssimo nessa produção.





## Considerações Finais

No contexto escolar, o contato com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa estabelece diálogos com outras literaturas e entre culturas, promovendo a quebra de preconceitos. O estudo de uma obra africana em sala de aula é importante por trazer elementos da cultura africana e o diálogo com a literatura brasileira. Mia Couto, em “Terra Sonâmbula”, apesar de todo o sofrimento passado pelos personagens, do período de guerra e as mortes, consegue nos apresentar a riqueza cultural da narração de histórias, os mitos e a sabedoria presentes nas práticas culturais moçambicanas.

Conhecer e compreender a história e a cultura africana é uma forma de combate ao racismo impregnado em nossa sociedade, em suas práticas sociais. A falta de saber sobre a África, suas riquezas e as lutas de resistência no Brasil, efervescência cultural e política dos negros brasileiros é um obstáculo para a construção de uma educação antirracista. A literatura é um meio de mergulhar nessa batalha contra as discriminações e preconceitos existentes em nossa sociedade. Em “Terra Sonâmbula” podemos conhecer sobre o processo de luta e resistência, a grandiosidade e sabedoria da arte de contar histórias, na busca do conhecimento da identidade e da memória em uma terra que foi negada o direito ao sono, mas não ao sonho. O discurso literário é considerado um aliado na luta que acontece dentro e fora da linguagem. É importante, nas instituições escolares, o estudo de autores africanos de expressão portuguesa, uma vez que existe um diálogo entre essas literaturas e a literatura brasileira, pois ambas as nações sofreram com a colonização portuguesa, que deixou marcas drásticas que ainda perpetuam na nossa história e na formação de nossa identidade, além da riqueza estética literária que permeiam esses textos.

As leis existem para garantir o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, mas será que temos professores qualificados para trabalharem com essas questões? “Terra Sonâmbula”, como muitas outras obras moçambicanas, devem ser utilizadas de forma interdisciplinar, pode-se trabalhar identidade, oralidade, memória e história. A literatura, seja ela africana ou não, é uma “arma” na mão do professor para se discutir diversas questões. “Terra Sonâmbula”, ainda como uma ficção, nos transmite saberes envoltos por



meio da história, valoriza a identidade e a memória como símbolos significativos de vínculos com um determinado grupo, uma comunidade.

O trabalho com as Literaturas Africanas ocupa um espaço importante no atendimento dos objetivos da Lei 10.639/03, uma vez que elas discutem aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil. Além disso, o nosso interesse em investir nessas travessias tem sido a convicção de que o estudo sobre as realidades africanas pode desconstruir as imagens que depreciam o continente e o reduzem a uma série de estereótipos imprecisos. Dessa maneira, no ambiente escolar, o conhecimento sobre a cultura africana, que tanto influenciou a cultura brasileira, abre espaço para um novo olhar à educação, pensando na diversidade cultural, histórica e na convergência linguística que constitui a nossa sociedade brasileira.

Ainda há muitas questões a serem pesquisadas e respondidas. Aqui o intuito foi despertar o interesse por esse assunto, a viagem que podemos fazer por meio da literatura. Fica o reflexo da sabedoria transportada pelo velho Tuahir e pelo menino Muidinga, o sonho e a esperança de viver dias melhores, uma caminhada árdua que pode se transformar “doce” por meio da mágica e da fantasia da narração de histórias. Propõe-se, então, o mergulho e a viagem trazida pelo escritor moçambicano que transforma em ética e estética a literatura que escreve e difunde pelo mundo.

## Referências

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. **Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do



Brasil, Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.796**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm). Acesso em jul. 2020.

CHAVES, Rita, CAVACAS, Fernanda, MACEDO, Tânia. (Org). **Mia Couto: Um convite à diferença**. São Paulo: Humanitas, 2013.

COUTO, Mia. **Pensatempos**. 2 ed. Lisboa: Caminho, 2005.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. Lisboa: Caminho, 2014.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DALCASTAGNE, Regina. Por que precisamos de escritoras e escritores negros? In: SILVA, Cidinha da (Org.). **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

FRITZEN, Vanessa. **Literatura, História e Memória em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Regional Integrada – Frederico Westphalen, 31 de janeiro de 2013.

LARANJEIRA, Pires. Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista de Filologia Românica**, n. II, Anexos, p. 185-205. 2001.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Mia Couto No Cinema: Alguns Apontamentos A Partir Da Obra Ficcional Terra Sonâmbula**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 9, pp. 70- 83, jul./dez. 2013.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p.159-177.

SILVA, Thais Maria Gonçalves da. **Reflexões sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária**. Anu. Lit., Florianópolis, v.17, n. 2, p. 181-201, 2012.

**Terra Sonâmbula**. Direção e roteiro: Teresa Prata. Música: Alex Goretzki. Moçambique. Produtor: Antônio da Cunha Telles e Pandora da Cunha Telles. 2007. Drama. 103 minutos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iukiUyEU-tw> > Acesso em 01 jun. 2016.



ZUMTHOR, Paul. **Entrevistas e ensaios**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 1. ed. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de maio de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 21 de julho de 2020.